



TEJO

LUÍS DE FREITAS BRANCO
JOLY BRAGA SANTOS
QUARTETO TEJO

Foi no verão de 2018 que formámos o Quarteto Tejo, unidos pelo espírito aventureiro da criação musical e a vontade de transportar a música nacional além-fronteiras. Sendo um dos poucos quartetos de cordas portugueses, sentimo-nos compelidos a representar a música que em Portugal se criou para esta formação.

Levámos as obras deste disco de norte a sul do país, a sítios onde as oportunidades para as escutar seriam, de outro modo, escassas. Também por grandes salas da Holanda, Inglaterra, Itália, França e Espanha soaram os nossos acordes. Todos os diferentes públicos se renderam unanimemente a esta música, que lhes era praticamente desconhecida, e se deixaram comover pela riqueza das histórias, sensações e paisagens sonoras que se viriam a tornar a nossa assinatura enquanto quarteto.

Como forma de concluir a nossa viagem partilhada, quisemos registar perpetuamente este trabalho de divulgação, um dos pilares da nossa missão desde o momento em que começámos a tocar juntos. Esperamos que este álbum torne evidente a nossa convicção de que estas composições deveriam ocupar um lugar de maior relevo no repertório clássico de quarteto de cordas, e que o entusiasmo com que redescobrimos e agora partilhamos esta magnífica música possa contagiar quem nos escuta.

It was the summer of 2018 when we formed Quarteto Tejo, driven by a shared spirit of adventure and the desire to take Portuguese music across borders. As one of the few Portuguese string quartets, we felt it was our mission to represent the music composed in Portugal for this formation.

The pieces on this album are part of programmes we have played all across the country – especially in places where they were still very much unknown – and also in Europe’s most iconic concert halls in the Netherlands, England, Italy, France and Spain. Both national and international audiences succumbed to this music unanimously, captivated by its storytelling qualities, its unique atmosphere, and its soundscapes, which quickly became our signature as a quartet.

To accomplish our mission, we felt the strong urge to create tangible evidence of the passion and values that have been the motivation for our work since the moment we formed. This album reflects our conviction that these quartets hold a privileged place amongst the classical quartet repertoire, and we sincerely hope you will share our wish to explore them and prolong their existence.

Quarteto Tejo
André Gaio Pereira, Tomás Soares, Sofia Silva Sousa, Beatriz Raimundo



Pouca gente saberá – alfacinhas incluídos – que no número 79 da Rua de O Século, no mesmo palácio onde nasceu a 13 de Maio de 1699 o Marquês de Pombal, morria a 27 de Novembro de 1955, no último piso, o compositor Luís de Freitas Branco.

Lisboeta de gema, Freitas Branco tem um catálogo diversificado em que se destaca uma dualidade essencial: por um lado, a tão assinalada introdução do modernismo em Portugal, onde se lê a sua veia cosmopolita e conhecedora das vanguardas europeias. Por outro, a reavaliação do património nacional, tendo participado, na linha da frente, na ascensão do folclorismo e do nacionalismo artístico.

Neste disco, é da primeira faceta que nos ocupamos. Com o seu primeiro e único ensaio completo em forma de Quarteto de Cordas, encontramos a respirar os delicados e complexos perfumes sonoros que chegavam de além-fronteiras. É apetecível falar em Debussy, ainda que

se vá tornando um clichê cada vez mais evitável, uma vez que Freitas Branco enche a sua música de uma agógica e gestos próprios, onde reina a sua tão pessoal profusão de ideias, muito mais livres na forma e na trama do que Debussy imprimiu no seu, também único, Quarteto de Cordas, para mais escrito trinta anos antes.

Aquilo que sobressai na escrita de Freitas Branco é, em primeiro lugar, uma liberdade discursiva que chega, por momentos, a roçar a abstracção. É delicado o trabalho do Quarteto Tejo ao não perder o fio à meada, logrando levar o discurso a bom porto, trazendo-lhe uma eloquência que em muito reforça a própria partitura. Ainda estão à vista os ecos harmónicos, por vezes surpreendentes e muito complexos, do compositor de Vathek, essa obra-máxima da literatura orquestral modernista portuguesa.

No segundo andamento, porém, encontramos um Freitas Branco no qual sobressai um sorriso, quicá sugerido pela forma quase teatral com que

o Quarteto Tejo desfia certas passagens que chegam a fazer lembrar uma coquetterie que o compositor parece querer evocar. Não esqueçamos que estamos nos anos vinte e a delicadeza ainda é uma arte mantida viva na cultura de salão.

Por todo o lado, abundam momentos de virtuosismo, não só na destreza exigida aos intérpretes, mas também na forma simbiótica com que têm de encaixar ritmos complexos, fazendo-os soar de forma coesa e fluida, como se fossem evidentes e nem pudessem ser de outra forma. Neste aspecto, é notável a eficácia do Quarteto Tejo que, sem desejar reinventar a partitura, oferece ao ouvinte uma escuta fiel, inspirada, rigorosa e de altíssimo calibre deste importante Quarteto de Cordas português. Por essa razão, o disco que tem nas mãos quase poderia ser considerado uma gravação em estreia, tal é o antes e o depois que há de marcar.

Neste aspecto, é incontornável assinalar o espírito de serviço público com que a gravação deste

disco é levada a cabo: Portugal tem pouquíssimos quartetos de cordas em actividade, sendo sobejamente ingrato que um agrupamento de música de câmara, no seu exíguo mercado, queira ainda mais especializar-se em repertório português. No entanto, alguém tem de tocar esta música, quebrando o gelo do silêncio e do esquecimento à sua volta, ajudando a que se torne repertório conhecido de ouvintes e intérpretes e alicerçando a criação de correntes de interpretação e variações estilísticas. Também por isso se aplaude a sensibilidade com que o Quarteto Tejo compreendeu a missão que tinha em mãos, aplicando com sucesso uma fórmula de equilíbrio entre tocar a partitura com o maior respeito e ao mesmo tempo descobrir um caminho próprio nesta música, que para praticamente todo o público irá soar como uma descoberta.

E por falar em descoberta, lembro-me de certo dia ir no carro a fazer zapping entre estações de rádio, acabando por passar pela nossa rádio

clássica, a Antena 2, que estava a transmitir uma obra orquestral para mim desconhecida. Como sempre nestas ocasiões, pus-me a tentar adivinhar quem seria o seu autor. Pela pegada sonora, o meu palpite era Joly Braga Santos. Podia jurar que era o seu discurso harmónico, a sua orquestração, a sua veia melódica. No entanto, a probabilidade era baixíssima pois, como se sabe, a música portuguesa continua a não ser escuta comum mesmo entre portugueses. No entanto, findo o andamento, o locutor anunciou o compositor, o nome da obra e os intérpretes. E não é que era mesmo Joly Braga Santos? Fiquei extasiado, pois este pequeno gesto de confiança reforçou a minha convicção de que a música portuguesa não deve viver à sombra de outros.

Reviro os olhos sempre que alguém se refere a João Domingos Bomtempo como “o Beethoven português”, ou relega Joly Braga Santos para um lugar subalterno de quem incorporou técnicas deste ou daquele, pois a verdade é que Braga Santos tem uma assinatura sonora inequívoca.

Aquilo que aconteceu comigo no carro poderia ter acontecido com a abertura deste seu primeiro Quarteto de Cordas. Em poucos segundos, não me perguntem porquê, está lá a sua impressão digital em música.

Ao fim da escuta de todo o quarteto, confirmações não faltam : a música de Braga Santos faz o seu caminho irrequieto, por vezes até errático, alternando e introduzindo materiais novos e inesperados. Chega a ter momentos em que a música quase parece frágil, tal a delicadeza necessária para unir os pontos desta viagem. É nestas passagens que o Quarteto Tejo revela a maturidade com que se apresenta a esta partitura, dando ao ouvinte a sensação de ser conduzido por mão segura.

Um exemplo desta imaginação que corre livremente está no segundo andamento, onde o compositor inscreve uma verdadeira prova de obstáculos rítmica, obstáculos esses que são ultrapassados com enorme

panache pelo Quarteto Tejo, que neste disco muito impressiona em todos os momentos homofónicos, tanto de Freitas Branco como de Braga Santos.

Sobressai a respiração única e coesa, o som homogéneo, a impressão de que os quatro usam exactamente a mesma quantidade de arco, de pressão, de vibrato, de intenção e de expressão. Impressiona também, no terceiro andamento, a paleta de soluções tímbricas, reservando para cada nova harmonia uma cor nova, o que dá a esta música uma riqueza fundamental, pois Joly Braga Santos tem um pensamento que funciona através de blocos harmónicos que poderiam por vezes ser até previsíveis, não fosse o ouvido atento e cuidador dos nossos intérpretes.

Como disse Séneca, não há bons ventos para marinheiros que não sabem para onde vão. Não é o caso do Quarteto Tejo, que facilmente poderia ter perdido o norte numa partitura tão desafiante e ainda por desbravar como esta,

mas que, pelo contrário, segue a direito e com vento de feição, como se desde sempre tivesse navegado por estas águas. Importa não esquecer que a escolha do nome Tejo não é despicienda, e estes quatro músicos que o compõem provam, para além de qualquer dúvida, que são brilhantes herdeiros das celebradas Tágides que, geração após geração, inspiraram tantos génios musicais pela cidade de Lisboa. |

Martim Sousa Tavares

BIOGRAFIA

O Quarteto Tejo nasceu nas margens do rio que lhe dá nome após quatro jovens músicos portugueses a residirem em diferentes países europeus se terem encontrado num curso de aperfeiçoamento artístico. Impulsionado pelo 1º Prémio do Prémio Jovens Músicos 2019, o grupo semeou o futuro da sua carreira em Portugal e no estrangeiro.

Desde a sua criação, o quarteto apresentou-se em várias salas de concerto internacionais, como a Royal Concertgebouw Amsterdam, a Philharmonie de Paris e a Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2020, os Tejos deram início à sua formação internacional no Conservatoire à Rayonnement Régional em Paris, sob a orientação de Miguel da Silva (Quatuor Ysaÿe). Paralelamente, o violista Paul Wakabawashi tem acompanhado o quarteto enquanto mentor desde 2019. Noutras ocasiões, frequentaram cursos ou masterclasses com os quartetos Doric, Sigmund, Chilligirian e Casals.

Na temporada 2020/2021, o Quarteto Tejo foi 'artista em residência' na String Quartet Biennale Amsterdam (SQBA), onde expandiu o seu âmbito de trabalho e pensamento artístico através de atividades que desafiavam o padrão da música de câmara clássica. Tocar ao lado do Quarteto David Oistrakh e do clarinetista António Saiote foram também experiências enriquecedoras que marcaram o percurso do quarteto. Em 2022, o grupo foi residente na prestigiada Académie Musicale de Villecroze – o projeto apresentado explorou o Fado na vertente de música de câmara, juntamente com a fadista Tânio Oleiro, o guitarrista Hugo Vasco Reis e o poeta Tiago Torres da Silva.



Few people will know – locals included – that in the same building where the Marquis of Pombal was born on 13th May 1699 (Rua de O Século 79, Lisbon), the composer Luís de Freitas Branco died on 27th November 1955, on the top floor.

A Lisboner, Freitas Branco produced a diverse oeuvre which is marked by an essential duality: On the one hand, he introduced modernist aesthetics to the Portuguese musical landscape, a process in which his cosmopolitan nature and close acquaintance with the European avant-garde played an essential role. On the other hand, he reassessed national heritage, having himself taken part in the rise of folklorism and national identity in the arts.

On this disc, it is the former we are dealing with. In his first and only complete essay in the form of a string quartet, we find ourselves breathing in delicate and complex scents of sound, imported from beyond Portuguese borders. It is

tempting to mention Debussy when speaking about Freitas Branco, though this has become an increasingly avoidable cliché. Branco's music possesses its very own agogics and gestures. His characteristic profusion of ideas reigns supreme, much freer in form and plot than what Debussy produced in his – also unique – string quartet, which was composed more than thirty years earlier.

What stands out in Freitas Branco's writing is, firstly, a discursive freedom that seems abstract at times. The Tejo Quartet keeps the thread flowing in a subtle way, managing to bring the musical discourse to a successful conclusion, and adding to it an eloquence that greatly reinforces the score itself.

This quartet echoes the harmonies – often surprising and extremely complex – that are characteristic of "Vathek", Branco's masterpiece of Portuguese modernist orchestral literature.

In the second movement, however, the music reveals a light-hearted smile of the composer, perhaps due to the almost theatrical way in which the Tejo Quartet unravels passages of a certain coquettishness which the composer seems to want to evoke. We should remember that these are the 1920s, times when the art of delicateness was very much kept alive within salon culture.

Moments of virtuosity abound throughout, not only in the dexterity required from the performers, but also in the symbiosis with which they must fit complex rhythms together, making them sound cohesive and fluid, as if they were self-evident and couldn't exist in any other way. In this regard, it is worth pointing out the Tejo Quartet's remarkable accuracy. With no intent to reinvent the score, they nevertheless offer the listener a faithful, inspired, rigorous and extremely high-level rendition of this important Portuguese string quartet. For this reason, the disc now in your hands could be considered a debut

recording, such is the pivotal role it plays between before and after.

In this respect, one must note the spirit of public service which is inherent to this recording: Portugal has but a few active string quartets, so it is both remarkable and brave that a chamber music ensemble, even in its niche market, still chooses to specialise in the Portuguese repertoire. Nonetheless, this music needs to be performed, it needs to break the ice of silence and oblivion involving it. Performance can help it become repertoire known to listeners and performers alike, thus laying the foundations for future currents of interpretation and stylistic variations. Therefore, I applaud the sensitivity with which the Tejos understood the mission at hand: They successfully applied a formula of balance between utmost respect for the score and the discovery of their own path in this music – which, I dare say, will sound like a discovery to practically any audience.

Speaking of discovery, I remember zapping through radio stations in the car one day and ultimately choosing the Portuguese classical music station (Antena 2) which was playing an orchestral piece unknown to me. As always on these occasions, I played “guess the composer” with myself. Judging only from the soundscape, my guess had to be Joly Braga Santos. I would have sworn it was his harmonic discourse, his orchestration, his melodic vein. However, the odds of my guess being correct were quite low – as we know, Portuguese music is still not often played, even among Portuguese people. When the movement had ended, the broadcaster announced the composer, the name of the piece, and the performers. Surprise, surprise: It was Joly Braga Santos! I was ecstatic. This small gesture of trust reinforced my conviction that Portuguese music should not live in the shadow of others.

I roll my eyes whenever someone refers to João Domingos Bomtempo as „the Portuguese

Beethoven,” or dismisses Joly Braga Santos as someone who has incorporated the techniques of such and such – because, truth be told, Braga Santos has a signature sound which is unmistakable. What happened to me in the car could just as well have happened with the opening of his String Quartet No.1. Don’t ask me why, but it takes only a few seconds to detect his musical fingerprint.

After listening to the whole quartet, there remains no doubt: Braga Santos’ music progresses restlessly, sometimes even in an erratic fashion, introducing new and unexpected materials. At times, the music seems fragile, such is the delicacy needed to connect the dots of this journey. It is in these passages that the Tejo Quartet shows its maturity in presenting this score, providing the listener with the sensation of being led by a steady hand.

The second movement is a clear example of the composer’s free flow of imagination. He sets up

a veritable obstacle course of rhythms which the Tejo Quartet masters with great panache – the young group’s homophonic moments on this disc are impressive, in both Freitas Branco’s and Braga Santos’s works.

Their common breath stands out, their homogeneous sound, the impression that the four of them use exactly the same amount of bow, pressure, vibrato, and share the same intention and expression. Also, the timbral palette in the third movement is staggering: Each new harmony is given a specific colour, thus providing the music with a structural richness. All this supports the idiosyncratic composition style of Joly Braga Santos whose use of harmonic blocks could at times become predictable, were it not for the attentive and careful ear of these musicians.

As Seneca once said, there is no favourable wind for the sailor who doesn’t know where to go. This is not the case with the Tejo Quartet

which could easily have lost its way in the face of a score so challenging and yet to be explored. Quite on the contrary: The ensemble sails straight and true as if it had always known these waters. We should bear in mind that the name Tejo was not chosen randomly, and the four musicians prove beyond any doubt to be brilliant heirs to the celebrated Tágides who over the course of generations have inspired many a musical genius passing through the city of Lisbon.

Martim Sousa Tavares

Translation: André Gaio Pereira

BIOGRAPHY

The Tejo Quartet originated on the banks of the Tejo River, after four young Portuguese musicians living in different European countries met at a masterclass. Propelled by winning 1st prize in the Portuguese Young Musicians Award 2019, the group began its career in Portugal and abroad.

Since its inception, the quartet has performed in several international concert halls such as the Royal Concertgebouw Amsterdam, Paris Philharmonie and Gulbenkian Foundation. In 2020, the Tejos began their training at the Conservatoire à Rayonnement Régional in Paris, where they were mentored by Miguel da Silva (Quatuor Ysaÿe). Alongside, the violist Paul Wakabawashi has been coaching the quartet since 2019. On other occasions, they received inspirational guidance from the Doric, Sigmund, Chilingirian and Casals quartets.

In the 2020/2021 season, the Tejo Quartet was 'artist in residence' at the String Quartet Biennale Amsterdam (SQBA), where they expanded their scope of work and artistic thinking beyond the standard of classical chamber music. The enriching experiences of playing side by side with the David Oistrakh Quartet and clarinetist António Saiote also had a great impact on the quartet's path. The group was one of the resident ensembles at the prestigious Académie Musicale de Villecroze in 2022 – their project explored the Portuguese traditional musical genre Fado as chamber music, together with the Fado singer Tânio Oleiro, the guitarist Hugo Vasco Reis and the poet Tiago Torres da Silva.



Recorded at Centro Cultural de Cascais
Cascais, Portugal
27. – 30. April 2023

Recording Producer, Mixing, Editing:
Benedikt Schröder

Mastering:
Lukas Kowalski

Executive Producer:
Benedikt Schröder, Lukas Kowalski

Product Manager:
Lorraine Buzea

Design:
Münchrath Ideen + Medien, www.muenchrath.de

Photos:
©Enric Vives-Rubio

Liner Notes:
Martim Sousa Tavares

Special thanks to:
Paul Wakabayashi, Centro Cultural de Cascais, Escola de
Música do Colégio Moderno, Martim Sousa Tavares, Pedro
Braga Falcão and all our generous friends who supported
this project through the crowdfunding we launched.



decurio

DEC-010
Made in Germany
© & © 2024 decurio
LC 86263
www.decur.io

TEJO

LUÍS DE FREITAS BRANCO
JOLY BRAGA SANTOS

QUARTETO TEJO

01-04

LUÍS DE FREITAS BRANCO
(1890-1955)

STRING QUARTET

- I. Moderato
- II. Vivo
- III. Lento
- IV. Animato

05-08

JOLY BRAGA SANTOS
(1924-1988)

QUARTET NO. 1 IN D, OP. 4

- I. Allegro Moderato
- II. Allegro con fuoco
- III. Andante Tranquilo
- IV. Allegro molto energico
e appassionato

TOTAL TIME **59:56**

QUARTETO TEJO

VIOLIN **ANDRÉ GAIO PEREIRA**

VIOLIN **TOMÁS SOARES**

VIOLA **SOFIA SILVA SOUSA**

CELLO **BEATRIZ RAIMUNDO**

decurio